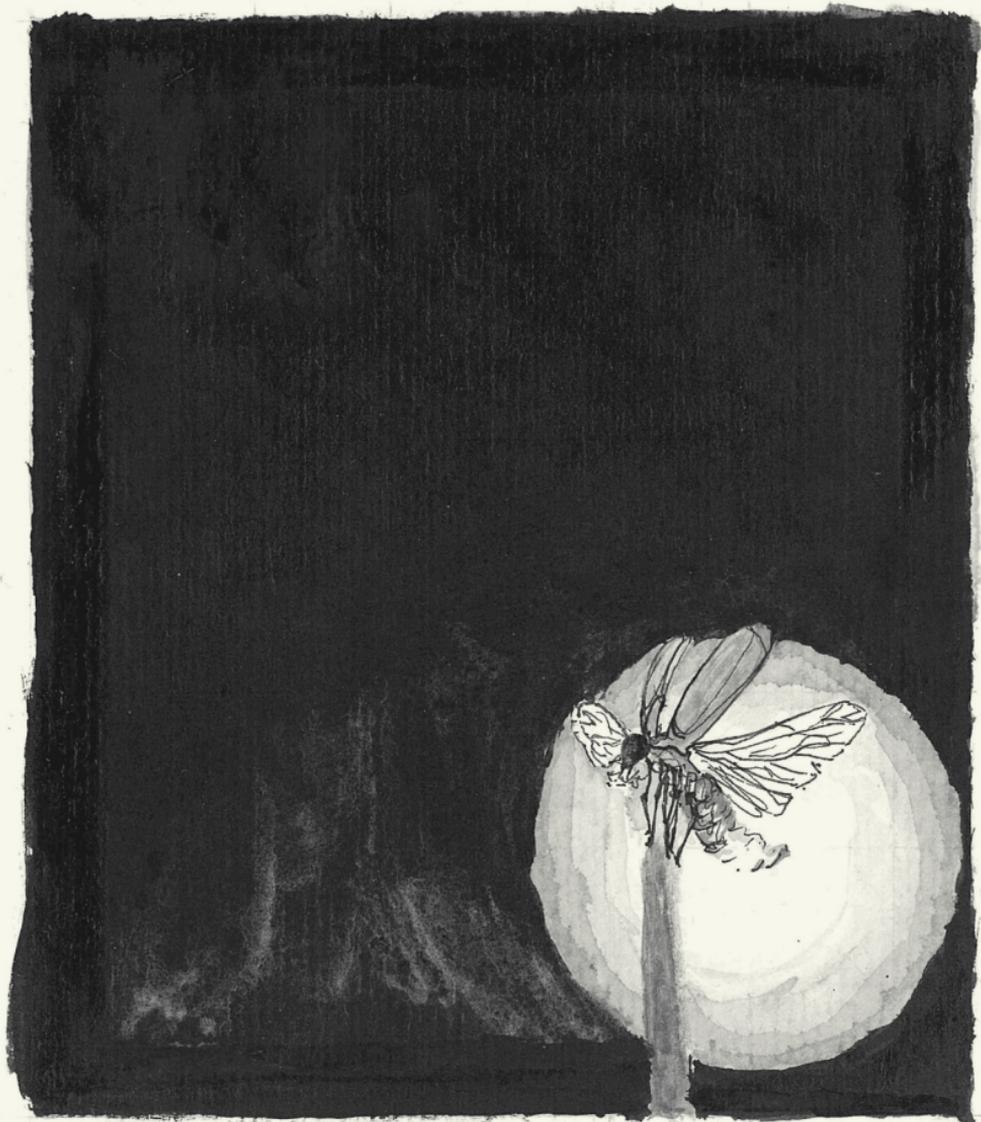


Cândido

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ Nº 160 ABRIL DE 2025 CANDIDO.BPP.PR.GOV.BR

COLEÓPTEROS DA LITERATURA

O impacto da coleção Vaga-Lume
na formação de leitores(as)



Índice

3 ESPECIAL CAPA

Vaga-Lume: o farol da leitura por várias gerações

Flavio Jacobsen

10 ESPECIAL

Procurando Marcos, encontrando Edmundo

Flavio Jacobsen

16 OUTRAS PALAVRAS

Mulheres nas Artes Visuais: Novos trajetos

Ana Camargo, Iara Maica, Laura Ridolfi, Luísa Covolan
e Tatiane Amaral

por Bianca Weiss

30 CRÔNICA

Visions of Johanna

Juliano Holanda

34 TRADUÇÃO

como se diz mãe

Jr. Bellé

por André Luis Caetano

45 CONTO

Deus corneado

Victor Finkler

60 PINTURA

A visionária

Teca Sandrini

75 FOTOGRAFIA

Ao eterno, ao efêmero

Letícia Negrello



Va- ga- Lu- me:

o farol da leitura
por várias
gerações

O FOLHÃO E O SINO

UM GABARITO
SEM TÍTULOTORNAR O DIA
E A NOITE DE DE

Flavio Jacobsen

Em um tempo no qual é preciso repensar e retomar o livro como hábito, é edificante lembrar um caso de sucesso editorial, que arrebatou milhões de leitores



Em meados dos anos 1950, enquanto o Brasil se industrializava, houve uma verdadeira horda migratória do campo para as grandes cidades. A grossa maioria desse efetivo nunca chegou sequer perto de uma escola. Muito menos de um livro.

Enquanto isso, empreendedores buscavam novos nichos de mercado dentro de um contexto social complexo, que, entretanto, fazia emergir uma nova classe média a olhos vistos. Em uma cidade de São Paulo que abandonava aos poucos o "pavio de lampião" pela "lâmpida" (sic) — ambos cantados por Adoniran Barbosa — os irmãos professores Anderson Fernandes Dias e Vasco Fernandes Dias Filho, junto ao amigo Antonio Narvaes Filho chegaram a uma conclusão óbvia: há dinheiro, mas falta educação, e não há tempo para formar tanta gente, a maioria já com idade um tanto avançada. Era preciso ser rápido.

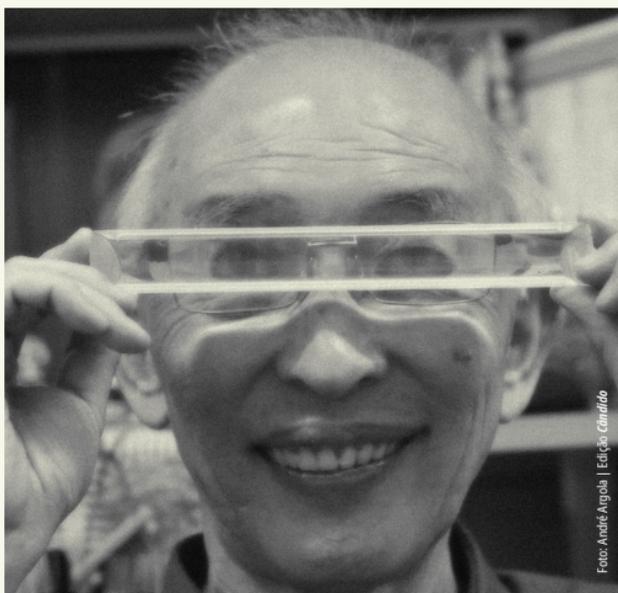
Assim nasceu o curso "Madureza Santa Inês" — os "madurezas" eram o que hoje é o supletivo. Corria o ano de 1956. Tais escolas consistiam, no espaço de seis meses mais ou menos, em formar uma pessoa no equivalente ao curso primário da época. Em mais seis meses, o ginásial. E assim adiante, com mensalidades acessíveis, já que o poder aquisitivo não era tanto.

O Santa Inês logo se viu em uma encruzilhada empresarial: onde imprimir mais, melhores e mais baratos materiais, como apostilas e livros didáticos? O grupo funda então, em 1962, a Sociedade Editora Santa Inês, que em 1965 se tornou a Editora Ática. Assim era lançada a pedra fundamental em um dos maiores e mais bem sucedidos empreendimentos editoriais do país em todos os tempos.

O leque estava enfim aberto para outros meios educacionais que não o supletivo fundado havia pouco menos de uma década. Formada predominantemente por professores, a equipe editorial, em 1969, liderada por Jiro Takahashi — o personagem fundamental desta história — optou por uma tacada que pode ser considerada ousada para a época: publicar literatura. E o público-alvo era o infantojuvenil.

A Ática lançou então a coleção Bom Livro, que reunia clássicos da literatura portuguesa e brasileira, com distribuição nas escolas públicas e privadas. As edições vinham com uma ficha de leitura destacável, na qual os alunos preenchiam questões acerca da obra que acabavam de ler.

➤ Jiro Takahashi, idealizador da série Vaga-Lume





► **Evolução de Luminoso, mascote da série Vaga-Lume criado por Carlos Eduardo Pereira, o Edú, em 1973**

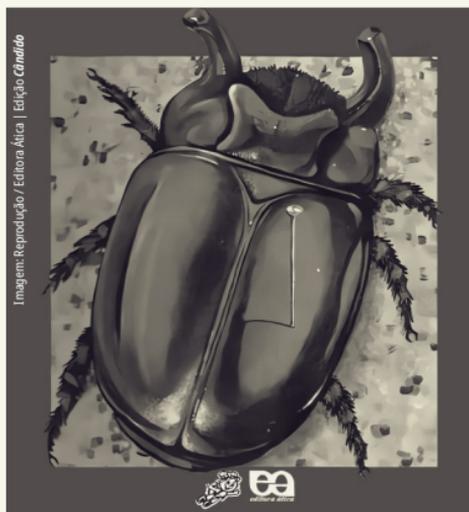
Takahashi decidiu publicar algumas obras consagradas, posteriormente dando espaço para que outros autores menos famosos pudessem publicar seus trabalhos sob o selo, que se tornaria sucesso com o passar dos anos.

Assim, foram escolhidos dois livros: *Éramos Seis*, de Maria José Dupré; e *Coração de Onça*, de Ofélia e Nabal Fontes (um casal que escrevia a quatro mãos), ainda pela série Bom Livro. A ideia era ver se esses títulos novos seriam aceitos como os clássicos usuais. Houve sucesso imediato. Outros títulos começaram a ser sugeridos por professores. Outros autores foram escalados.

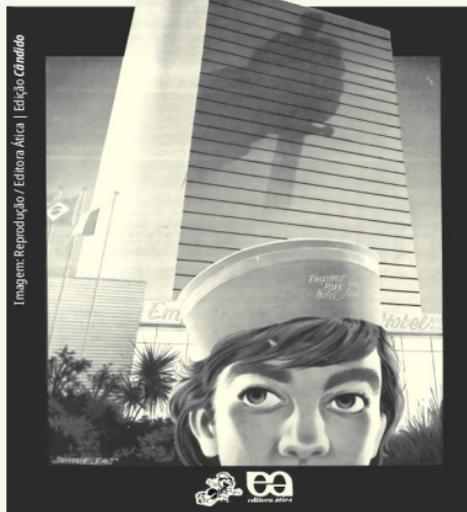
Daí uma nova guinada. Em janeiro de 1973, Takahashi cria a Série Vaga-Lume. O símbolo da coleção era um mascote, desenhado pelo quadrinista Carlos Eduardo Pereira, um vaga-lume com visual hippie, que fazia uma espécie de apresentação informal da obra e depois também conduzia a ficha de leitura ao final do livro, ilustrado com linguagem de gibi. Ao personagem foi dado o nome "Luminoso". E uma verdadeira febre de leitura tomou conta do país inteiro.

O primeiro livro que podemos chamar de best-seller surgido na Vaga-Lume foi *O Escaravelho do Diabo*, de Lucia Machado de Almeida. Incríveis três milhões de exemplares foram vendidos no ano de 1974.

LÚCIA MACHADO DE ALMEIDA
**O ESCARAVELHO
DO DIABO**



MARCOS REY
**O MISTÉRIO
DO CINCO ESTRELAS**



E uma série de novos autores — outros nem tão novos — foi apresentada ao leitor. Homero Homem, José Rezende Filho, Luiz Puntel. Um deles, em especial, já era um tanto consagrado: Marcos Rey, que estreia na Série Vaga-Lume com *O Mistério do Cinco Estrelas*, em 1981. Rey seria o autor mais profícuo da editora desde então. Foram quinze títulos publicados, todos com imenso sucesso, seguindo uma linha um tanto peculiar, que foi informalmente chamada de "policial *noir* infantojuvenil".

O escritor e jornalista Sandro Moser pontua: "*O Mistério do Cinco Estrelas* e a coleção Vaga-Lume em si, abriram um portal em minha mente. É como se a obra fosse uma espécie de 'droga' que é porta de entrada para coisas mais 'fortes'. Foi há quarenta anos, quando, crianças, ainda andávamos com os sacis e as fadas, e Marcos Rey foi meu primeiro contato com uma obra literária de qualidade. Depois veio Marçal Aquino, e outros da série. E o mais importante: sempre autores brasileiros. A Vaga-Lume formou não só uma geração de leitores, mas também de autores".



Foto: Reprodução / Editora Ática | Edição Cândido

► **Marcos Rey, um dos principais autores da série Vaga-Lume, com 15 títulos publicados**

Não foi sem uma estratégia muito bem pensada que a Série Vaga-Lume se consolidou. Jiro Takahashi declarou ao site *Coletivo do Leitor*, em 2018: "A precificação foi um item importante apontado por professores, que indicavam que nenhum título poderia custar mais do que uma revista semanal das bancas. Passamos a usar esse padrão de preço para que os professores e os pais se sentissem confortáveis diante desse desembolso semestral, já que a meta inicial era que no mínimo um título fosse indicado por semestre. Por isso, por quase dez anos, preparávamos lançamentos semestrais dos títulos da série. De certa forma, essa sazonalidade era muito interessante para se harmonizar com a sazonalidade dos livros didáticos. Um hábito, de certa forma, muito utilizado no mundo rural no país".

É possível dizer que o "pulo do gato" criado e estabelecido pelo editor Jiro Takahashi e sua equipe foi a tríade "escola-professor-aluno", algo que tornava mais fluído e natural o consumo de literatura. O jornalista Sandoval Matheus é um exemplo de leitor que foi capturado na sala de aula. "Na escola, sempre fui um aluno irregular, indisciplinado. O ambiente me exasperava. A possibilidade de conhecimento não me seduzia.



Foto: Fabia Mariela | Edição C&M&D

➤ Sandoval Matheus



Foto: Theo Marques | Edição C&M&D

➤ Sandro Moser



Foto: Arquivo pessoal / Maria Fumaneri | Edição C&M&D

➤ Maria Fumaneri

Tudo soava meio sem sentido. Até que eu descobri a Vaga-Lume. A primeira coisa que me caiu nas mãos foi *O Escaravelho do Diabo*. Devo ter escolhido por conta do título. Foi uma excelente decisão. Ali, eu entendi que esse negócio podia ser divertido. E estamos nessa até hoje", declara.

A professora de Literatura Maria Fumaneri costuma dizer que o diferencial está na curadoria. "Quando você é criança, não tem condições de saber que autor é bom ou ruim. Então esse trabalho já vinha pronto, com uma série muito bem ilustrada, atrativa, que encontramos facilmente na prateleira, o que também atrai o aluno para a leitura. Adolescente gosta de uma boa coleção", define.

A Editora Ática passou por diversas mudanças corporativas, e hoje a detentora dos direitos é o grupo Somos Educação. A Série Vaga-Lume foi reformulada em 1999 com a Vaga-Lume Júnior, voltada ao público infantil, e durou até 2008 quando foi encerrada e passou por um hiato. Em 2021 a Somos retomou novamente a Série. Ela dura até hoje. Conta mais de 100 títulos.

Os números impressionam. Algo como oito milhões de exemplares, por baixo, foram vendidos, desde aquele verão de 1973. Quando Jiro Takahashi teve uma ideia luminosa que mudou o mercado editorial para sempre, vendendo milhões e transformando a vida de outros tantos.

Um verdadeiro farol. ◀

Procurando Marcos, encontrando Edmundo

Um tributo aos 100 anos de Marcos Rey, um dos principais autores da Vaga-Lume e a verdadeira e mais precisa descrição de São Paulo

➤ Marcos Rey

Direto do Tietê, faço uma pequena conexão na Sé e desembarco na estação Anhangabaú. Encaro a Xavier de Toledo rumo à Consolação e atravesso a praça Dom José Gaspar ladeando a Biblioteca Mário de Andrade, rumo ao Paribar, com suas mesas na calçada.

Meu nome é Octávio. Sou redator desempregado. Escrevo qualquer coisa — cartas de suicídio cobramos adiantado, é meu lema — e me encontro há mais de cem dias na rua da amargura. Estou à procura de Marcos. O garçom, Pitchinin, baixinho invocado que — segundo Marcos — já liberou um tonel de choros das mais diversas doses de uísque, vermute e gim à fauna local. Era o garçom mais antigo do lugar, e além da generosidade citada ainda tinha o hábito de ficar cego quando a grana era curta.

— O Marcos? Não está não. Nunca mais apareceu por aqui.

Surpreso, mas nem tanto, pergunto pelo Lorca. Não o poeta espanhol, mas o biscateiro que vivia de arrumar pequenos trabalhos aos publicitários, roteiristas e escribas de toda sorte que apareciam a este "bar dos cento e tantos dias", em busca de uma oportunidade qualquer.

— O Lorca morreu — responde Pitchinin, sem cerimônia —, e faz bastante tempo já. Foi atropelado ali na esquina da São Luís — diz apontando para a rua, a uns vinte metros do bar.

Ia perguntar pelo Fontana, o "Homem Providencial", que presidia uma agência média, a qual costumava empregar bons criadores e pagava bem. Mas temendo nova negativa, ou outra morte, me contentei com uma dose de meia-de-seda. Aquela bebida que Marcos descrevia como "aquilo que se pode beber quando estamos em situação de penúria". Onde deve andar o Marcos?

Marcos é o cara mais foda que eu conheço. Sou um escriba, como referido. Foi através do Marcos que aspirei a esta ingrata profissão pela primeira vez, ainda na tenra infância. Foi mais ou menos quando descobri que aqueles livros de bolso que me encantavam não nasciam nas bancas de jornal, tampouco em árvores.

Acho que foi em alguma matéria no jornal, coisa que o pai nunca deixou faltar em casa. Havia termina-

do os quadrinhos, seção que lia sempre primeiro, e os esportes, quando olhei o caderno de literatura — devia ser domingo — que trazia uma entrevista com Marcos. Ele falava de uma coleção na qual havia sido contratado para escrever, e imediatamente me lembrei da professora que versara sobre algo a respeito na aula de dias antes. Se era domingo, devia ter sido sexta-feira, a aula.

Na mesma página daquele jornal de domingo, Marcos contou outras coisas que me deixaram completamente fascinado. Ele escrevia também algumas coisas para o rádio, criava várias propagandas que eu já havia visto nas revistas e na televisão! Ele escrevia o Sítio do Pica-Pau Amarelo! E novelas, aquelas que a mãe tanto gostava! Aí já é demais. Que legal esse Marcos!

Devorei os seus livros na escola. Aqueles infanto-juvenis da tal coleção — a Série Vaga-Lume. E tudo mudou. Alguma coisa estranha aconteceu pouquíssimo tempo depois. Parece que esqueci do Marcos. Fui a outros mundos em outros livros, um tanto mais densos. Foi natural, nada demais. Avancei à poesia, aos clássicos, aos fantásticos latino-americanos, aos existencialistas, aos norte-americanos, aos mestres brasileiros do século 19, aos modernos, aos franceses, ingleses, aos policiais, às teses, à história, ao teatro, ao cinema — foi quando recordei Marcos de novo, mas brevemente.

Também não pude deixar de lembrá-lo quando passei dos dezoito anos e precisei ganhar dinheiro, e fui ser redator, que é a única coisa que sabia fazer. E foi na publicidade e propaganda, depois nos roteiros para empresas, e tantas e tantas coisas que venho precisando escrever desde sempre, que já nem lembro mais. Jornal, revista, folheto, tudo. Parece tudo uma coisa só. Até livros! E filmes! Deus do céu. Onde fui parar?

Vim acertar as contas com Marcos, enfim! A culpa é dele! E andei sabendo, nas minhas andanças, que ele fez mais algumas vítimas por aí. Meu amigo poeta, e também roteirista, o Marcelo Montenegro, lá da região do ABC, costuma dizer que o Marcos foi "o Chuck Berry da literatura" para ele. Vejam se pode uma coisa dessas?

Pitchinin pergunta se quero mais alguma coisa. Sem muito, ele entende meu olhar e serve mais uma meia-de-seda, enquanto vejo a gente toda na rua, apressada. O Lorca — segundo Marcos — dizia que ali era possível ver "até os mortos passarem". A exemplo de Marcos, vi apenas uns dois ou três.

A noite começa a cair. Na metade da minha dose, tomo coragem e deixo minha taça na mesa para ir até o local onde Lorca foi atropelado, bem ali na São Luís. A uns vinte metros. Pobre Lorca.

Volto à minha mesa, resignado. É quando passa Augusto. Augusto é um cão. Lembrei dele por causa do Marcos. Ele ruma para a praça da República, em direção à Vila Buarque. Pitchinin deixa a conta pendurada e lá fui atrás de Augusto. À saída, pergunto por Gianini, o italiano fanfarrão, metido a cantor de ópera e que lutou na Guerra Civil Espanhola.

— Gianini? Morreu...

Desolado, apresso o passo atrás de Augusto, que já dobra a Ipiranga rumo à República. Assim como fizera com Marcos, o "cão da meia noite" não me dá bola. Às vezes apresso o passo e fico a seu lado, ele finge que nem me vê. Não desisto. Vai que Augusto me leva até Marcos. Deve estar enfiado em alguma dessas pensões da Buarque.

Reparo que não existe mais a Aliança Francesa na rua General Jardim, e minha desolação aumenta. Augusto enfim começa a me notar. Já é um avanço. O cachorro segue sem dono pelas ruas. Resolvo parar. Desisto. Ele não vai a lugar algum.

Na Martim Francisco, já em Santa Cecília, sento em um boteco qualquer, para comer alguma coisa. Um bauru e um café com leite. Inadvertidamente, Augusto para, como que me esperando. Peço "pra viagem" e sigo em seu encalço. Ofereço metade do sanduíche para ele, que faz ar de paisagem. Estamos andando em círculos, pois logo reparo que estamos no Arouche.

Rodamos por tudo, já era tarde da noite quando estávamos de volta à Biblioteca, e ao Paribar. O cachorro e eu. Pitchinin olha com ar penoso para mim, nem tanto para Augusto.

— Octávio. Marcos esteve aqui.

Impressionado, não acredito. Até Augusto deixa de se coçar e posta-se em posição vertical, apoiado nas patas traseiras.

— Deixou um cheque. É seu. Para você se hospedar neste hotel aqui, ó...

Pitchinin me entrega o cheque e um cartão. O cheque é gordíssimo. Dá para um mês de boa hospedagem e comida.

Ao olhar o nome do cheque me deparo com algo que quase havia me esquecido. O nome verdadeiro de Marcos Rey é Edmundo Donato.

Augusto desapareceu pela rua. Pitchinin foi embora. No cartão, um tal Emperor Park Hotel. Daqueles de luxo.

São Paulo é assim mesmo. A gente procura por Reys, encontra Edmundos. Depois, com eles, acaba se dando um pouco melhor.

No verso do cartão, a anotação indica que a reserva é para o quarto 222. Algo me diz que esse Marcos está aprontando comigo, de novo...

Solitário, triste, como tenho andado, vou-me ao mistério deste cinco estrelas. <



Foto: Raquel Figueiras

Flávio Jacobsen é escritor. Nasceu em Santos, em 1967, e vive em Curitiba desde os nove anos de idade. Autor de *Uns Contos no Bolso* (Kotter, 2015), trabalha como redator e roteirista.

Mulheres nas Artes Visuais: Novos trajetos

Ana Camargo, Iara Maica, Laura Ridolfi,
Luísa Covolan e Tatiane Amaral

por Bianca Weiss



O **Cândido** publica, a partir desta edição, entrevistas realizadas pela equipe do jornal com as escritoras e artistas participantes das mesas temáticas do evento "Ocupação Mulheres Arquivadas" — ação em parceria do Projeto Mulheres Arquivadas e a Biblioteca Pública do Paraná — no mês de março.

A conversa "Mulheres nas artes visuais: novos trajetos" teve a presença das artistas visuais **Ana Camargo, Iara Maica, Laura Ridolfi, Luísa Covolan e Tati-ane Amaral**, que debateram sobre ser uma artista mulher e os processos criativos de cada uma.

➤ Ana Camargo



Ana Camargo é produtora cultural, artista têxtil, artesã e também fotógrafa. Trabalha com diferentes tipos de materiais e suporte para sua arte, que tem grande ligação com o luto e a angústia.

Quais palavras você usaria para descrever sua arte?

O meu trabalho é muito **autobiográfico**. Então tudo que eu produzo, que eu crio, parte de algum processo particular que eu vivo. Minha pesquisa hoje se dá em cima do **luto** e eu utilizo o suporte têxtil para materializar essa provocação.

Como você lida com bloqueios criativos?

É algo que faz parte do processo, é importante que ele aconteça, porque muitas vezes vêm de uma necessidade de pausa e também de mudança de caminhos. Atualmente, eu tento respirar e entender que é realmente uma oportunidade para eu me conhecer em um outro lugar e também aprender a aproveitar a pausa para descansar e respirar mesmo.

Qual a sua parte favorita do seu processo criativo?

Eu gosto muito de quando eu revisito os meus cadernos. Meu processo criativo acontece não só no suporte em que trago vida aos desenhos, mas pelo que escrevo no meu caderno que dá origem aos desenhos. Quando eu faço isso consigo olhar de outra forma sobre aquele momento que eu vivi e alcançar um pouco de paz.

Qual o principal desafio sendo artista mulher na cena curitibana?

Além da questão da perspectiva de gênero, que eu acho algo muito claro para quando você se entende como mulher dentro da sociedade, aqui você vai encarar mais dificuldades por ser uma capital extremamente conservadora. Há uma dificuldade em aceitar outras provocações para além da arte tradicional, mesmo que esse cenário esteja mudando. Outra grande dificuldade é a falta de remuneração desses artistas. Artista produzindo não falta, o que falta hoje é você conseguir viver financeiramente enquanto diverge dessa arte um pouco mais conservadora. Mas eu acho que o fortalecimento de coletivos, grupos de pesquisa e artistas tem deixado um pouco mais leve o caminho até esses objetivos.

Cite uma artista que seja uma referência no seu trabalho e explique o porquê.

A Claudia Lara, que faz uma pesquisa também autobiográfica a partir do texto. Eu tenho trocas riquíssimas com ela; aprendo, aprendi e tenho aprendido cada dia mais com ela.



Iara Maica



Iara Maica é uma artista que trabalha principalmente com a pintura da figura humana e o corpo, voltada para o “ser mulher”. Gosta de utilizar diferentes suportes para criar um contraste com a pintura.

Quais palavras você usaria para descrever sua arte?

Eu gosto muito de **contraste** e, talvez, eu esteja usando a palavra errada, mas eu gosto muito de **anarquia**, porque a gente entende a produção da figuração como uma arte tradicional e acadêmica. Mas isso é completamente equivocado, principalmente numa era da pós-modernidade, onde está todo mundo focado em si, no próprio corpo, na própria comparação com outras pessoas.

Como você lida com bloqueios criativos?

O bloqueio criativo está ali para te provocar de uma outra maneira. Eu costumo ler muitas coisas, pedalar bastante, ir para o mato. Então eu procuro oxigenar

minha cabeça para eu procurar outros prismas de entendimento, trabalhar em outras coisas e desapegar do que estava fazendo.

Qual a sua parte favorita do seu processo criativo?

Eu gosto de encontrar novas superfícies, é a parte que eu mais gosto. Tenho trabalhado com vidro, com materiais de demolição há um tempo. Então, portas, janelas, portas de guarda roupa, dar um novo significado a coisas que talvez sejam irrelevantes para uma pessoa.

Qual o principal desafio sendo artista mulher na cena curitibana?

O primeiro desafio é a resiliência, a paciência de estar vendo as mesmas coisas, as mesmas pessoas, os mesmos lugares, falando a mesma coisa. Eu acho que é um desafio de existir como artista mulher. Encontrar boas referências de mulheres para você se inspirar, porque a gente sempre se inspira nos grandes mestres como Caravaggio, Michelangelo, homens europeus, brancos, objetificando mulheres. Outro desafio também é ser levada a sério e encontrar narrativas que sejam atrativas para o outro sexo. A gente é muito vista como “arte de mulherzinha” e muitas artes que as mulheres fazem são mais voltadas à linguagem da mulher. É de onde a gente está falando, com quem a gente fala e o que a gente é, não tem como falar como um homem. Mas eu acho que é ser levada a sério e desenvolver pautas que gerem empatia com outras esferas, não só a esfera do olhar da mulher.

Cite uma artista que seja uma referência no seu trabalho e explique o porquê.

Gosto muito da Érica Storer, que é daqui de Curitiba. Acho o trabalho dela fenomenal, ainda mais que sou muito interessada em política. Gosto muito do discurs-

so, da narrativa, do trabalho dela que fala sobre pós-modernidade, capitalismo, carnificina e neoliberalismo. Acho um trabalho muito potente, principalmente pelo discurso que fala com mais pessoas, não só com uma fatia interessada em arte.





> Laura Ridolfi

Laura Ridolfi é artista visual e trabalha com pintura. Em suas obras ela mescla a geometria com a construção de figuras a partir de fotografias e de memórias, uma união entre abstrato e figuração.

Quais palavras você usaria para descrever sua arte?

É um trabalho muito **colorido**, carregado de **formas**, mesmo que existam trabalhos que são bem mais geométricos, mais retangulares, quadrados, mas mesmo os trabalhos que são figurativos, carregados de formas e de geometrias. Talvez teria mais uma palavra que seria **memória**.

Como você lida com bloqueios criativos?

Bom, primeiro tem que aceitar. Tem dia que eu acho que não vai ter muito o que fazer e aí eu opto por fazer outra coisa. Vou ler, assistir um filme, sair de casa ou

conversar com alguém. Acho que sair desse ambiente de trabalho para tirar um pouco da pressão e também recorrer a trabalhos antigos. Olho muitos cadernos com as coisas que eu já fiz para tentar resgatar alguma coisa.

Qual a sua parte favorita do seu processo criativo?

Acho que quando eu estou criando um trabalho novo e tem aquela surpresa, que eu estou muito animada para ver onde que isso vai dar. Eu tenho uma ideia na minha cabeça e aí todo esse processo, essa ansiedade de querer executar e ver o trabalho sendo construído.

Qual o principal desafio sendo artista mulher na cena curitibana?

Mesmo sendo uma artista mulher na cena curitibana, eu me vejo com bastante privilégios. Então eu acho que eu tenho conseguido conquistar um espaço, mas ainda sinto que existe essa insegurança de saber quais espaços podemos de fato pertencer. A gente fica esperando um convite e às vezes esse convite não vem. Então você tem que ir atrás, se fazer conhecido e nesse processo defender o próprio trabalho.

Cite uma artista que seja uma referência no seu trabalho e explique o porquê.

Gosto muito da Vivian Cacuri que, apesar de não ter uma referência direta com o meu trabalho, é uma mulher que realiza muita coisa e eu admiro muito o trabalho dela.



Luísa Covolan é artista visual com práticas na pintura, performance e no têxtil, sendo o último seu principal foco principal de trabalho. Seus temas variam muito e partem de uma exploração do material e de cor.

Quais palavras você usaria para descrever sua arte?

Textura, com certeza. As pessoas dizem que meu trabalho é “fofo” e sempre achei isso uma coisa um pouco reducionista, mas hoje eu vejo como um trabalho que é bastante acolhedor. Então, acho que **textura, colorido** e **delicado**.

Como você lida com bloqueios criativos?

Eu entendo que existem picos, momentos que você deita para dormir e vem muitas ideias na cabeça. Mas quando isso não acontece, ir para a natureza, sair de casa, se permitir esse direito poético de ser artista e poder romantizar o mundo um pouco e fazer pausas,

na medida do possível. Realmente desacelerar e sair da ideia de uma escala de produção, de que tem que estar criando e fazendo na hora que vem o bloqueio.

Qual a sua parte favorita do seu processo criativo?

A parte favorita é a hora que a coisa flui. Eu sinto que o processo criativo é uma conversa com o trabalho, então você parte de uma ideia que geralmente é uma imagem que vem de um lugar interno, porque você pode ver o mundo lá fora, mas a imagem se forma na sua cabeça. Mas na hora em que você vai para a realização, o trabalho dá respostas e essa imagem que eu visualizei não é o que nasce fisicamente. Esse diálogo é a minha parte favorita.

Qual o principal desafio sendo artista mulher na cena curitibana?

Entender isso como uma profissão, colocar num lugar estruturado de trabalho. Eu acho que esse desafio de conseguir se posicionar internamente e externamente, ser firme com algumas algumas questões que, enquanto artista, você faz questão para o trabalho. Em Curitiba, eu vejo que agora está melhorando, ampliando esses espaços expositivos, para que os artistas saiam das telas para ocupar espaços físicos.

Cite uma artista que seja uma referência no seu trabalho e explique o por quê.

Ultimamente estou bem interessada numa artista que se chama Melissa Cody. Ela é uma indígena norte-americana que tem um trabalho de tapeçaria que me atrai muito.

A portrait of Tatiane Amaral, a woman with dark hair, smiling. She is wearing a light-colored, sleeveless top. The background is a vibrant, abstract pattern of overlapping circles in shades of teal, orange, and red. A white arrow points to the right, followed by the text 'Tatiane Amaral'.

> Tatiane Amaral

Tatiane Amaral é artista visual. Seus trabalhos artísticos são feitos por meio da performance, fotoperformance, intervenção urbana e memória, concomitantes com as pesquisas que desenvolve sobre a prática e os espaços.

Quais palavras você usaria para descrever sua arte?

Façonha, corpo vivo em ato, experimentação, coletividade e encontros.

Como você lida com bloqueios criativos?

Recorro sistema Modo Operativo AND (M.O_AND) desenvolvido pela antropóloga Fernanda Eugênio, que é um jogo não competitivo, operando como um sistema de improvisação e “composição-com”, um estudo prático das políticas de convivência e da capacidade de auto-observação e tomada de decisão.

Qual a sua parte favorita do seu processo criativo?

A experimentação, sem dúvidas. Pensar no processo, criar um plano de ação, escrever sobre os processos é tão instigante quanto a ativação do trabalho em si.

Qual o principal desafio sendo artista mulher na cena curitibana?

O maior desafio que eu encontro hoje em dia é a escassez de trabalhos remunerados que me permitam viver da performance na cidade.

Cite uma artista que seja uma referência no seu trabalho e explique o porquê.

Lygia Clark, porque ela era movida pela arte ativa e ativa, valorizava a experimentação, o processo e a interação do público. <



Visions
of
Johanna

Juliano Holanda

Confundo quando, faz tempo. Eu era adolescente e não havia cinto de segurança nos táxis do Bomprego. Eram fuscas vermelhos com caranguejos e enigmáticas redinhas armadas no vidro frontal.

Curitiba era longe demais. Acho que era ali colada no Japão. Trens não tocavam trilhos lá. Ônibus tinham alguma redoma plástica onde os androides passavam em modo Kubrick. Perry Rhodan era de lá. Meu pai voltou deslumbrado.

Ele contava crônicas curitibanas pros amigos e eu via espaçonaves. Ele sentiu o eclodir da civilização lá. Não sei se acreditava mesmo nisso ou foi impressão minha. Curitiba era um lugar alto e as demais pessoas confirmavam, boqueabertamente embasbacadas: Curitiba era um lugar alto, repetiam. E frio.

Porém, era um frio bom o de lá. Europeu, diziam arregalando e franzindo-se. Não havia cavalos nem bois comendo lixo nas ruas de Curitiba. Se restava algum terreno baldio, tinha lhes escapado da memória. O asfalto tinha cheiro de baunilha.

Bob Dylan gostava de Curitiba. Ele vai sempre, dizia um amigo do meu pai. Outro emendava: parece que ele nasceu lá. Com ênfase aguda no "ceu" do nasceu. Outro afirmava categoricamente: os relógios são adiantados em 45 minutos lá. Curitiba está à frente do resto do país. Uau, outro suspirava.

Cá da minha infância, Curitiba nem precisava existir sólida. Era só uma vírgula na conversa ou deslumbre onírico de cidade. Frame desfocado de filme na Cinenin.

Só fui chegar em Curitiba anos depois. Talvez eu tenha começado a andar até lá com 12 anos e só cheguei na casa dos trinta. E fui tocar guitarra num trio elétrico pelas esquinas. Não era fria naquele dia, Curitiba. Na verdade estava muito mais quente que os bancos traseiros do fusca vermelho no Bomprego num domingo de manhã em Casa Caiada.

Nem era tão alta, podíamos nos olhar nos olhos e gostei dela. Não achei os tais trens flutuantes e algumas pessoas sorriam simpáticas nos cafés.

Antes de ir lá, fui tocar guitarra na Europa e Curitiba não era a Europa. Era Curitiba mesmo. Sem essa de relógios adiantados.

Então jogamos frevo nas ruas, foi como levar meu pai de volta. Ele frevando na cara de Curitiba. Não sei o nome das avenidas por onde descemos, e creio ter me sentido, eu mesmo, o próprio alienígena que via nas histórias do meu pai sobre Curitiba. Explodimos um Vassourinhas multicolor e fomos muito bem recebidos, orquestrando uns sorrisos lá para além dos cafés.

A tarde foi caindo vertical e alguma neve se insinuou. De fato, o céu era até mais baixo em Curitiba. De cima do trio encostei nele diversas vezes enquanto a lona prateada do tempo ia se desfazendo como o fantasma da eletricidade uivando nos ossos do rosto líquido de Johanna.

E Bob Dylan, quem diria, justamente nesse dia não estava lá. <



Juliano Holanda, cantor, produtor e compositor pernambucano com mais de 600 músicas gravadas por nomes como Simone, Zélia Duncan, Maria Bethânia, Zeca Baleiro, Chico César, dentre outros. Teve seu livro de poemas *Outras Armadilhas Desejáveis* publicado pela Maralto em 2024.

como
se diz ~
mãe

Jr. Belle

por André Luis Caetano

► Capa de *Retorno ao ventre* (Elefante, 2024)



Os dois poemas selecionados para esta edição do **Cândido** são do escritor Jr. Bellé extraídos do livro *Retorno ao ventre*, edição bilíngue português/kaingang, traduzidos por André Luis Caetano e revisados por Lorrecir Koremág Ferreira. A obra venceu o Prêmio Cidade de Belo Horizonte, em 2023, na categoria Poesia.

Jr. Bellé nasceu em Francisco Beltrão, sudoeste do Paraná, terra indígena ancestral. É mestre em estudos culturais (EACH-USP) e doutorando em estudos literários (PPGL-UFPR). Foi escritor residente da Yaddo, em Saratoga Springs, Nova York, contemplado com a bolsa Abigail Angell Canfield and Cass Canfield Jr. Residency for Writers; e do Art Farm, em Marquette, Nebraska, onde escreveu seu primeiro livro, *Trato de Levante* (Patuá).

A obra teve seus direitos vendidos para o cinema e foi exibida em festivais de poesia e cinema, como Queensland Poetry Festival, na Austrália, e Mammoth Lakes Film Festival, nos Estados Unidos. Publicou ainda a coleção de poemas *amorte chama semhora* (Patuá) e venceu o Prêmio Flipoços de poesia. Com seu primeiro romance, *Mesmo sem saber pra onde* (Folheando), venceu o Prêmio Variações de Literatura e recebeu menção honrosa no Prêmio Casa de las Américas, em Havana, Cuba.

como se diz mãe

há coisas que só deveriam ser ditas na língua materna
histórias que só deveriam ser escritas na língua
[materna

essa é uma delas

essa é a história de uma ausência

essa é a história da mãe da mãe da minha mãe
e como não sei seu nome não sei seu rosto
te chamarei de *mỹnh*
que é como se diz mãe em kaingang

essa é a história de *mỹnh*
essa é a minha história

Ěg mǎnh to ne ke tǐ

né ũ tóg ěg vǐ pĕ tǔ vǐ ki tój ke nǐ vĕ
kar kǎme ũ tóg kanhgág vǐ tǔ vǐ ki rán ke nǐ vĕ
ag kǎ'ũ vĕ vĕnhrá tag ti

kǎme vĕnhrá tag tóg tǔ kǎja tun ja tǔ nǐ

kǎme vĕnhrá tag vǔ tǔ nǔ tǔ nǔ tǔ inh nǔ fi tǔ nǐ
kar inh pi vĕnh jyjy ki kanhró nǐ kar vĕnhkakǎ ũ ke gé
kǔ sóg ǎ mǎ mǎnh kej mǔ
ěg nǔ to ne ke tǐ

tag vǔ mǎnh fi kǎme nǐ
tag vǔ tǔ inh kǎme nǐ ser

apagamento

é sobre uma bamba pilha de livros
que se equilibra o peso imenso e delicado da história
ou a gravidade brutal do seu vazio:

segundo as mais canônicas obras das ciências sociais
também da historiografia da geografia
do jornalismo e da literatura paranaense
segundo a narrativa das companhias colonizadoras
segundo as crônicas das frentes pioneiras
e a epopeia dos tropeiros e dos bugreiros
segundo a saga dos colonos europeus e a sanha
dos colonos brasileiros
segundo os órgãos governamentais e os mapas
e os atlas oficiais
segundo a burocracia estatal e o imaginário popular
e enfim segundo os livros didáticos
até o início da terceira década do século XX
o interior do paraná era um absoluto

vazio de gente

sinônimos: sertão desabitado sertão esquecido sertão
[longínquo]
boca do sertão terras devolutas terras desocupadas
terras desabitadas vagas terras domínio público
largos espaços vazios ilimitado deserto
área abandonada região despovoada
zona desconhecida floresta intocada

vazio demográfico

um exemplo: segundo wilson martins
professor de literatura brasileira na universidade de
nova york
duas vezes laureado com o prêmio jabuti e autor do
livro
"um brasil diferente: ensaios sobre fenômenos
de aculturação no paraná" (1955)
:

*do ponto de vista humano
a província era um ilimitado deserto
na maior parte do território
o vazio era absoluto:
eram os campos gerais
era a floresta era a serra do mar*

*assim é o paraná
território que do ponto de vista sociológico
acrescentou ao brasil uma nova dimensão
a de uma civilização original
construída com pedaços de todas as outras
sem escravidão sem negro
sem português e sem índio
dir-se-ia que a sua definição humana
não é brasileira*

outro exemplo: segundo nilo bernardes
pesquisador do instituto brasileiro de geografia e
[estatística
da universidade católica do rio de janeiro e autor do
[livro
"expansão do povoamento no estado do paraná"
[(1952)

:
*embora no começo do século
os povoadores espontâneos
já dessem início ao alastramento
sôbre o oeste paranaense*

*no segundo planalto
a encosta de guarapuava e de palmas
ainda estava desabitada
todo o oeste dos atuais municípios
de tibagi e reserva era ainda parte
do vasto sertão que se continuava
até o rio paraná*

*o termo sertão é aqui empregado
sempre no sentido
de vazio demográfico*

por vazio demográfico entenda-se apagamento
pois é evidente que aquelas terras estavam cheias
de pinheiro de macaco de tatu de xetá de unha-de-gato
de taquara-mansa de fumeiro-brabo de ipê de kaiowá
de gralha-azul de chuchu de xokleng de cipó de aracá
de alecrim-do-mato de ariticum-preto de ingá de *mỹnh*

o vazio estava especialmente cheio de *mỹnh*
estava cheio de nós

era em direção a este grande vazio de gente
a este imenso sertão desabitado
que o capitão José Ozório e sua comitiva marchavam

um vazio que ele chamava de campos de guarapuava
mas que o próprio vazio chamava de *koran-bang-re*
um vazio que ele chamava de terras devolutas

mas que o próprio vazio chamava de *ẽmã*
mas que o próprio vazio chamava de casa

nhyn nhyn ke

rivro kamã ki
tóg ěg kãme kufy ki króm tĩ
ã kufy tũ tóg kuprã nĩ

hã to *ciências sociais* to vãmén e tỹ ví han mũ
kar ěg kãme mré ěg nỹtĩ ja ki
jornalismo kar *literatura* to *paraná* tá
ke ag tóg mũ vãmén ag tóg mũ *companhias* ag
ke ag tóg mũ jã mĩ ke ag
vẽnhrã sĩnvĩ tỹ ví ha tỹ ví kãru kri mũnh fã ag rán ja
[mré

kanhgág ag kugmĩnh fã
fóg tỹ *europæus* ag kãme mré *brasil* ki fóg ag tũ
je pã'i ag rike kar *mapa* ag
kãgrã *oficial* ag mré hã
jo *documento* tỹ pã'i mág ag tũ ag rike kar ag jykre kar
[mré

kar ser rivro rike tỹ iskóra rivro ag
ver *século xx* kã prỹg tỹ pénkar kri pénkar kã
paraná mỹ tã tá ha mẽ

ěg kuprã vẽ

paravra jag rike ag tag ag vera: jamã katy jamã kãjatun
[kỹ nĩ

kar jamã kór gy tỹ ví ga katy jẽnky vẽ ga kunũnh ja
ga kuprã ke gé ga tỹ vé ké nỹtĩ pã'i ag tu
rugar mag ag kuprã ke gé ga katy
amã tovãnh kỹ nỹtĩ kuprã tá ne tũ
ga vẽnhmỹ nẽn tỹ ki rãnh vãnh

tã kuprã

ha vé: ke tóg mũ wilson martins ti
prosor tỹ *literatura brasileira universidade de nova york*
[tã

rivro rěgre ki tóg gyjũ ke mũ *prêmio jabuti* ki kar
*"um brasil diferente: ensaios sobre fenômenos
de aculturação no paranã"* (1955)

:

ēg tỹ pāvānh rike
ti nīgja tá tóg tỹ ga kuprā tĩ
ti ga pēnĩn to hã
kuprā tỹ vĩ:
re mág campos gerais kar hã vễ ser
serra do mar vễ

ge tóg nỹ paraná ti
ēg tỹ ki pāvānh kỹ ēg tóg to ge tĩ
brasil ki rã mũ gé ga ha tỹ vĩ
ki ũn si ag tóg nỹtĩ ver
ga ũ tỹ han kỹ nĩ
tỹ vēnyn fã tũ mré fóg sá tũ
fóg vĩ tũ mré kanhgág tũ
ge tóg nỹ ser
pi tỹ brasileiro nĩ ser

ha tag ve gé: ge tóg mũ nilo bernardes ti
pesquisador vễ instituto brasileiro de geografia e estatís
[tica tá
universidade católica do rio de janeiro ki kar rãn fã pễ
"expansão do povoamento no estado do paraná" (1952)
:
kỹ ser prỹg tóg ki kārã mũ ki
vēnhãm fã e tỹ vĩ
vēnhgrun kãmēg mũ ser
rã pun kej fã tỹ paraná tá

pãnónh těj kã tá
guarapuava pēnĩn kar palmas mĩ
ver tóg mĩ kuprā tĩ vễ
rã pun kej fã kar mĩ ki nỹtĩ ti ver
tibagi mĩ tóg ver tỹ reserva katy nỹ tỹ paraná tá krỹg tĩ vễ

ga katy tóg taki
ge tóg nỹ ser
to ga kuprā ke tĩ

ga kuprā mré ki ne tũ
hãra ga ěn tóg ki fór nỹtĩ je
ki tóg fág nĩ kajěr tũ fãfãn kar gatu xetá nĩgru
vānh jũ tũ pětór mré kar pa kaiowá ke gé
ki sãgsó tánh mré xokleng pého kupri mré mrũr

tỹ kókaj mré kukrej kar kósán tỹ *mỹnh*

mỹr ti kuprã tóg mỹnh kuprã rike nĩ
ẽg tỹ fór nĩvẽ

kỹ tóg ag to tĩ ti ag kuprã to
ga kuprã mág tag ki
ki ne tũ ti
capitũ josé tóg ti tũ ag mré sỹmsỹm ke tĩ

guarapuava ag to tóg re kuprã ke tĩ ti
kuprã tỹ vĩ to tóg *koran-bang-re* ke tĩ
ti kuprã tỹ vĩ to tóg ga ke tĩ

ti kuprã tỹ vĩ to tóg *ẽmã* ke tĩ
hãra to tóg ãn kuprã ke tĩ <



Foto: Acervo pessoal / André Luis Caetano | Edição: Camêdo

André Luis Caetano (1987) é professor de língua kaingang e Educação Física. Liderança na Terra Indígena Serrinha, município de Ronda Alta (RS), cria cursos on-line, materiais didáticos e jogos educativos na área de educação kaingang, junto à sua parceira de negócios, Jaqueline Cantoni.

Deus corneado

Victor Finkler

"Viver é um tesão", mas isso era mentira e a parede em que essa frase estava escrita indicava isso. O velho olhou rápido e desimpressionado. Escuro demais pra parar e ler. Precisavam sair daquela encruzilhada. Mesmo à noite estavam expostos. O grupo de três seguiu adiante. O mundo não é o que costumava ser, viver não era um tesão, mesmo tesão fosse uma das únicas sensações que movia os que sobraram.

"O mundo é um moinho como do filme do Conan. Corpos raquíticos escravizados em manufatura de fatura. Deve-se livrar da exploração. Antes que os chifres dele parem de segurar o firmamento acima de nós e o céu caia em cima de nossas cabeças", ensinava um ancião para uma roda de jovens tapados por poucas roupas. Em volta de uma fogueira, o público o encarava com os olhos fissurados e opacos que apenas o uso prolongado de drogas pode proporcionar. O grupo de três fez de seguir adiante. Mas parou novamente. O mais jovem reparou que um casal de novinhos olhava o céu ao invés do orador.

"Mimesis, a Constelação, significar e interpretar a natureza. Colocar a humanidade na natureza e crer que a humanidade segue o fluxo da natureza. Mensageiro natural de coisas naturais", pensou o mais novo dos três. As estrelas brilham mais a cada um dos novos dias.

"Eu sou astrólogo, vocês precisam acreditar em mim. Eu sou astrólogo", grita o rádio da camionete de outro hippie que passa numa estrada próxima. Os dois grupos viram para a mesma direção e finalmente o grupo maior percebe os três ali parados a certa distância, no escuro. Medo e receio de todos. A nuvem de poeira que a camionete ergue é iluminada pelo atravessamento da Lua.

O velho dos três ergue o braço em um aceno e susurra para seus colegas: "Voltaremos por onde viemos", e saem em retirada lenta-convicta.

Provavelmente o grupo de jovens e seu ancião pensaram se tratar de um grupo de assaltantes denunciados pela música. Dormirão o sono dos injustos com vigílias alternadas o resto da noite.

"O primeiro ato d'Ele foi binarizar. Luz e Escuridão, sujeitos próprios. Dia e Noite, manifestações de tais forças", o mais novo segurava seu quipá com firmeza. Os olhos do velho eram absortos apesar de uma fagulha de raiva inevitável transparecer.

"Por que blasfema ao problematizar e relativizar o que está escrito? Apenas faça, são suas tarefas", criticou.

"Não posso manifestar minhas críticas aos mistérios da fé? Se os Mitzvá já suprem a demanda."

"FÉ? RÁ!", ironizou com verdadeira diversão. "Isso não é sobre fé. Fé é para conversão, para virar algo, isso aqui é sobre ser", o velho se levanta. "Você pensa que não vejo você escrevendo seus pensamentos impróprios? Suas ideias herméticas e sincréticas vãs e de incredulidade."

"Mas você disse que não precisa de fé, o que te incomoda na minha incredulidade?"

"Não me importo se você crê ou não, desde que faça. Só não use seus pensamentos para faltar com suas tarefas."

"O que te assusta tanto se são apenas palavras, não atos?"

"Palavras são assombrações antes de dormir. Escrever é uma forma de tornar mentira o real. A escrita faz faltar. Sempre vai faltar algo. Agora não há nada mais a ser escrito. O Eterno é o verbo, a palavra. Aquele que É. *O EU SOU*. Isso me basta." Após isso, o velho virou de costas e se afastou. Olhou para o horizonte e as estrelas do vazio.

O terceiro do grupo se virou para o mais novo: "O mundo não é mais o que costumava ser. Só restaram desertos, estradas e hipongas." Elevou a voz para que o mais velho o escutasse: "não sobraram tijolos o bastante para construir uma nova Sodoma e Gomorra, mas talvez possam fazê-la com as carcaças enferrujadas de suas picapes velhas quando o diesel restante acabar."

"Meu Adonai", sussurrou alto o mais novo.

"E o de Abraão, Isaac e Jacob. Não se ache tão especial", rosou o velho. "Não sussurre pelos cantos como uma serpente. Não tente escrever em carvão o alfabeto de chamas."

A partir daí foram se silenciando até dormir.

"Foi em um fundo de quintal como esse que Abraão erigiu sua religião?", questionou o mais novo em seus pensamentos. Um muro baixo granuloso de cacos de vidro permitia a vista de que mais parecia uma caixa de areia gigante. A casa antes de alguma cor clara era agora inteira avermelhada pela terra que a chiboteia de todos os lados nos dias após alguém parar de medir o tempo ou se importar em falá-lo em voz alta.

O mais novo pensava na estrutura da Tanakh. A cronologia de uma família não é, sobretudo, só uma família, um núcleo social. Abraão se escolheu, patriarca de uma família, para ser o ponto de referência da superlativação. Yahweh - Pai. Primeiro se vive, depois se pensa sobre.

"Se ele mentia tanto sobre isso, deve ser verdade." Era uma possibilidade. O ronco de um motor esportivo chegou até ele. O velho e o terceiro estavam fora de vista. Provavelmente já encolhidos em algum canto vindo tudo de longe. Tarde demais para o mais novo se esconder. O carro já havia avistado ele. Vinha acelerando na rua que passava ao seu lado.

"Tá indo pra onde?", o rapaz cabeludo e barbudo atrás do volante e seus três colegas de carro olhavam o mais novo com uma curiosidade quase científica. Eles estão pelados? Era a dúvida do mais novo. Parecia. Estavam todos sem camisa. Como todos os quatro hippies estavam sentados não dava pra saber por aquele ângulo.

"Quer uma carona?", fatiou o rapaz para cortar o curto silêncio, pressentindo o medo daquela figura quase hermética de manto com símbolos e um chapéu que mal cobria a coroa do seu cabelo.

"Não precisa, estou indo no meu tempo."

"Indo pra onde?"

"Ainda não sei, mas acho que não tem mais por que ter pressa, né?"

"Bom ponto, amigo", e deu um sorriso inteligente. "Aqui", se erguendo sob o volante e revelando estar de

fato nu, apontou para o Leste. "Qualquer coisa, seguindo uns quilômetros adiante nessa estrada, você vai chegar nos restos de uma cidade. Ouvi dizer que lá tem alguns prédios para se abrigar e até uma distribuidora de bebidas. Dá pra imaginar?"

Sozinho novamente após o conversível arrancar e levar aqueles quatro recém-homens para o fim do mundo. "Fique na paz de Jah", gritou já distante o do volante.

O rapaz nem um pouco rastafari se foi. Seu grupo também. O velho e o terceiro apareceram assim como sumiram. "O que você disse pra eles?", encheu de preocupação desnecessária a paciência do mais novo.

"Disse pra ele que, após o pecado original e após Babel — as tentativas do homem ser Adonai —, Este está sempre tentando corrigir esse povo que ele ama (como com o Dilúvio, a destruição de Sodoma e Gomorra), amor estabelecido através de uma aliança com Abraão. Yahweh quer conduzir esse povo pela história, lhe dar uma terra, tornar a mais forte das nações, mas esse povo é constantemente tentado pelo pecado como teste."

"Sua leitura do Tanakh é humilhante para nós", e o velho e o terceiro se afastaram.

Se um dia chegar a Era Messiânica será tudo mais fácil. Não devem existir novas nações até lá, se estabelecer e impor domínio ao resto do mundo mais na lábia que por armas. Construir um novo Templo sem burocracia de licitação de obras. Um mundo mais simples pro complexo inviável que era a Modernidade e suas perspectivas angulosas.

O terceiro é okay, o velho que é um porre. Nos velhos dias sentia-se tão sozinho num mundo tão lotado que agora é tão exaustivo estar acompanhado num mundo vazio.

Fragmento de diário carcomido pela areia:

"(isto é: para o *Lógos* que governa o mundo e seus acontecimentos) tudo é belo, bom e justo, pois tudo ocorre de acordo com a sua lei.

Os homens, porém, não têm uma compreensão objetiva do cosmos, pois estão no fluxo como as demais coisas e as pensam sob determinadas relações"

"Você está fazendo isso errado?", o velho olhava sob seu ombro.

"Não sei, estou?"

"Sim, você e fazer estão constantemente ligados pelo erro. E o mais importante deles agora: é Shabbath. Você se esqueceu."

Parou o que estava fazendo e se sentou com os demais. Olhavam para cantos diferentes do chão em uma roda-triângulo. Agora podemos conversar no Shabbath, ao menos. Antes o velho não permitia, chegou a dar um tabefe no rosto do mais novo por soltar uma risada no dia do descanso.

Isso eram dias antigos. Antes de tudo. Agora o velho era mais velho. E o novo não era mais tão novo. Não deixaria isso se repetir.

O mais novo contou aos outros dois das instruções que o jovem nu passou para ele. Decidiram seguir elas. Não se procura mais nada. Só se segue.

Chegaram na imensidão de entre duas lojas abandonadas. Logo à frente, um homem de abaya laranja e dourado carregando uma vassoura de palha gasta em suas mãos, ele dá passadas cambaleadas sob uma perna aparentemente estragada.

"Eu só varro areia do deserto", respondeu quando foi perguntado pelo terceiro se sabia a direção para a distribuidora de bebidas.

"Já passamos quarenta anos no deserto, agora vamos passar uma vida inteira", caçoou o mais novo.

"Se você não vai até o deserto, o deserto vai até você", satirizou o terceiro.

"*Haram*", assobiou em voz baixa o homem de abaya. Indicou que adiante podem encontrar o que procuram, entre *haram* e *halal*.

A grade da frente estava arregaçada. Ferro estourado para os lados em um buraco gigante e um bêbado agarrado às poucas grades remanescentes.

Os três viram aquilo e resolveram adentrar o local. O bêbado sem roupa e de corpo seco e queimado tremia, catatônico. No interior da loja, algumas bebidas quebradas espalhadas pelo chão em cacos e latas estouradas. No canto de trás do balcão, o que parecia ser o dono da distribuidora, estava sentado no chão com sangue no colo.

Quando o velho se aproximou, o dono abriu a boca e tossiu sangue em seu rosto.

"Meu refrigerador não funciona. Deu pau. Lixo", e o velho apenas assentiu ao seu lado. "Água", e o velho pegou uma garrafa de uma das prateleiras e o deu de beber.

"Uns hippies. Quatro. Num conversível. Pelados. Vieram do nada e começaram a atirar", o mais novo gelou dentro daquele ambiente abafado e paposo. O velho removia a tampa de um velho barreiro prata e derramava um pouco na barriga do dono. A cachaça parecia entrar pelo buraco disforme de sua camiseta envermelhada, na esperança de alcançar suas entranhas.

Urrou de dor e pegou a garrafa da mão do velho e pôs a beber no gargalo. "É bom para não infeccionar sua ferida." O velho se afastou em alguns passos. O dono ficou em estado de desgraça olhando as três figuras de manta e quipá com certa comédia nos olhos.

"Ter convicções é perigoso", disse. "Manada é manada - passa adiante." Ele aponta para uma das janelas gradeadas de trás. O terceiro foi olhar e viu entre as ruínas algo que parecia ser o que sobrara de uma mesquita.

O refrigerador quebrado ficava logo ao lado, o cheiro de estragado foi sentido quando o terceiro se aproximou. Chamou os outros dois e abriram. Pedacos de carne já escuras empilhadas entre latas e garrafas. Tapando os rostos contra o azedume de carniça puderam ver: um pé feminino com unhas pintadas e um anel de coco no dedão. Alguma outra parte do corpo estava

embrulhada numa camiseta *tie-dye* rosa-azul com o símbolo da paz estampada.

Após fecharem a tampa do refrigerador, viraram para o dono. Seria possível dá-lo como morto, mas com calma e paciência era possível discernir uma lenta e fraca respiração.

"Vamos embora", falou o mais novo.

"Temos que enterrá-lo", comentou o terceiro.

"Só precisamos garantir que um circuncidado seja enterrado com todos os procedimentos", atestou o mais velho.

"Ninguém sentirá Shiva por um homem como esse", argumentou o mais novo. "Não é você quem decide isso", reclamou o terceiro. "Chega", e o velho virou para os outros dois. "Se deseja cavar a cova e devolver ao pó esse homem, o faça o mais rápido possível." E os olhos do terceiro se encheram de raiva e ressentimento, ficariam marejados se não fosse a sede ainda não matada.

"Esaú foi o mais piedoso da Torá. Perdoou Jacob e ainda cedeu terras para seu irmão apesar das duas vergonhas que este o acometeu." O mais novo olhava para o pequeno monte de terra, indício da cova cavada ao fundo da distribuidora.

A história do patriarca Israel mostra que El Shadai só quer o cumprimento dos mandamentos. Pecado não existe. O homem que inventou o Delta. E daí? Não importa. Fez um movimento, e a história se moveu para o seu povo. A história acabou quando a civilização e a política acabaram. Não dá para interpretar os sonhos como José, nenhum dos três sonha mais.

Não tinham nada a acrescentar. Prestaram um momento não-cronometrado de silêncio e voltaram a andar com os suprimentos coletados da distribuidora, pagamento pelos serviços funerários. Ao chegar nas ruínas da mesquita, passaram por azulejos rachados, estilhaçados pelo chão. No interior, numerosos tapetes soterrados pelos grãos de areia.

"Vocês acham que o homem que varre areia do deserto vem aqui?", o mais novo enfiava uma mão na

areia e puxava um tapete por debaixo. Os padrões em azul-escuro e bordô o deixaram impressionado.

"Se vem, não está varrendo direito esse lugar", e o velho abriu um pequeno livreto semienterrado, *Muhammad: O Mensageiro de Deus – Que Deus louve sua menção*, o título em letras garrafais douradas contrastava com o fundo verde-folha.

"Podemos nos abrigar aqui essa noite?", quis saber o mais novo.

"Fazer isso é *haram* ou *halal*?", perguntou o velho para o terceiro.

"Honestamente, acho que ninguém se importa mais. Mas com certeza é *haram*", disse o terceiro com olhos opacos.

Passaram o restante do dia sentados nos tapetes do interior da mesquita. Deitaram com o Sol. O mais novo não parava de pensar nas ruínas, fragmentos de um sonho nunca realizado. Allah ou Yahweh, dois abraâmicos. Muhammad e Jesus, descendentes de Ismael e Isaac, respectivamente, filhos de Abrahão. O mundo partilhado pela mesma raiz. E o que restou do mundo? Areia e calor, como nos tempos e locais das escrituras. O mundo foi palaceado com monumentos, templos, incrustado e decorado por dois. Até chegar a modernidade e com ela o anacronismo, o despejo, o genocídio, o tradicionalismo.

Forçados ao anacronismo como forma de justificar seu apagamento. Hoje o mundo perdeu sua justificativa. A crença judaica os coloca como força-motriz da História. Motivo, ao menos isso existe. E adormeceu entre os pensamentos de gerações e perseguições. O que Adonai quer? Fidelidade, exclusividade, obediência.

"Levante", foi a palavra escutada enquanto de olhos fechados já sentia seu corpo ser balançado pelo terceiro. De olhos abertos, viu o velho de pé espiando cautelosamente o mundo exterior pela abertura de uma das paredes semi tombadas da mesquita.

Desperto com os últimos grãos de sono indo com o vento. Escutou. Um ronco baixo mas que sabia ser

alto. Distante, ao menos consideravelmente. Se aproximou do velho e espiou junto. Apenas o deserto e suas ruínas permanecem no horizonte.

Em silêncio se mantiveram enquanto o som continuava. Como um zumbido. Após alguns minutos, mudança. Ficou mais próximo. Agora adquiria uma forma nova: mantra.

Poeira e pequenos detritos caíam das angulosas paredes que sustentavam o teto sob suas cabeças. Uma pedra maior bateu no ombro do terceiro. Olhou o local do impacto, que doeu consideravelmente, e apenas limpou a mancha de sujeira com o dedo molhado de saliva. "Babel", sussurrou.

Se ouvia o mantra cada vez mais alto, e o tremor advindo de uma marcha. Gritos, passos e algo sendo arrastado enquanto os três se escondiam.

Silêncio.

"*Haram!* Que toda edificação ao Senhor seja destruída, pois de forma humana ou estrutura destinada aos homens não se compactua o meu Deus!", gritou uma voz masculina forte e retumbante do mundo exterior.

Três urras foram exclamados pelo que aparenta ser uma multidão.

Um tiro explode no prédio. E outro. Mais um. Uma saraivada começa. Os três se deitam entre areia e tecido para se protegerem do fogo. O mais novo grita com toda sua força entre os assobios e impactos de ferro contra pedra.

O expurgo cruzado para. Movimentações de passos e cochichos podem ser escutados. Pausa. Mais passos, cada vez mais próximos e mais baixos. Se aproximam na tentativa de se precaver.

"Parados!", a palavra já acompanha o fuzil sendo apontado. Outros dois homens surgem ao lado do primeiro, três canos apontados para três judeus.

Algemados e com uma corda enlaçando os três pescoços em fileira. À frente, uma multidão considerável. Mais de mil. Usando roupas em tons terrosos, entre vestes militares, camufladas e outros apenas trajes civis em tons coerentes com o todo. Entre eles, mais especificamente ao meio, um pequeno grupo utilizando apenas trapos velhos. Esses muito magros; mais que magros, raquíticos, cabelos e barbas grandes, costas nas quais o tecido e as feridas se mesclam.

O que se viu na sequência impressionou e deslocou os pensamentos dos três. Os escravos estavam acorrentados a um altar imenso que sustentava a estátua de um bezerro completamente dourado. Os escravizados puxam o Ídolo com seus corpos.

"É o grupo de hippies que encontramos naquela noite", sussurrou o mais novo.

"Silêncio!", berrou um soldado e no movimento de dar um tapa foi imobilizado por palavras. "O que foi que você disse?", e do meio de dois soldados veio o líder daquela multidão.

O mais novo reuniu coragem e explicou que aquelas pessoas acorrentadas foram avistadas por eles algumas noites antes. O líder os encara por longos segundos e cospe um chiclete mastigado na areia.

"Vocês são da religião do pai. Venham. Oremos por isso." Seu colar, um par de chifres dourados, balança e brilha ao Sol.

Com o grito de uma palavra indiscernível para os três, o líder pôs toda aquela multidão a cantar. Aquele mesmo mantra preenchia o espaço infinito do deserto apocalíptico por todos os lados e se expandia até o infinito. Raios do fim do dia rebateram na lateral do bezerro de ouro gigante e os fiéis se jogaram aos montes nos reflexos que tocaram o chão.

"Tomem para si os homens ou mulheres que desejarem, guardiões dos velhos tempos." Os três encravavam aquela cena com descrença. As algemas e o cordão que os conectava ainda delimitavam uma posição de cárcere. O mais novo perguntou se poderiam ser libertos.

O líder espremeu os olhos para os três. "Não", e se virou. "Vocês podem ir e voltar de onde quiserem. Fazer o que bem entenderem, mas o farão juntos."

Adentrou a multidão que se abria em olhares de admiração. O mantra foi retomado. Um grito seco de ordem foi dado, provavelmente pelo líder. Um chicote explodiu nas costas de um dos hippies, que urrou de dor. O mesmo aconteceu com os demais esqueletos do paz & amor. Todos curvados, prostrados frente algo maior, e começaram a puxar esse algo maior. A figura "ídolo-bezerro" começou a andar vagarosamente. Tão imponente quanto lenta. E a multidão entoou seus louvores.

Os três deitados entre os fiéis do bezerro. Insones e agitados. Ao longe, focos de luzes dos vigias armados daquele grupo. O líder passou em silêncio entre os corpos em repouso e se aproximou deles.

"Somos uma família. Desde antes de tudo. Éramos uma congregação comum. A vinda do Anticristo mostrou que deveríamos retornar às respostas bíblicas contra o que tornou tudo isso possível. Estamos unidos daqui até o fim dos seis mil anos de fome, lepra e pecado." Se ajoelhou ao lado dos três. "Sei que vocês estão antes disso tudo. Não creem no Messias, o esperam. Não tem muito mais o que esperar. Vocês são contra tudo que cremos, e contra a realidade do mundo", gesticulou e apontou seu braço em direção ao monumento-móvel. "Oramos ao Bezerro quando percebemos que o Senhor se revoltou contra sua adoração e jogou o mundo na desgraça. O Bezerro faz o contrário, realiza a graça sem uma nação, sem um povo, apenas somos. Moisés desceu do Sinai com as tábuas que trouxeram o que se deve e o que se não, a partir disso o mundo foi de êxodo para desmantelamento. O Bezerro foi a última tentativa da humanidade se livrar de seus grilhões"

"Onde entra Jesus nisso tudo?", ousou questionar o mais velho. O mais novo e o terceiro viraram assustados pela sua falta de decoro.

"Não existe maior maneira de se rebelar contra um Pai do que sendo um Filho." E o líder começou a se levantar. "Somos os filhos do Novo Mundo."

"Faz sentido", entendeu o velho.

"Como assim "faz sentido"? Eles estão usando a religião contra ela mesma. Não existe Mitzvá mais", es-
tourou o mais novo, pessoalmente ofendido pela con-
tradição clara e contrastada com o pensamento dogmá-
tico-ortodoxo do velho.

O velho o olhou com compaixão e dor: "Religiões
são para amenizar as necessidades, dores e desespe-
ros humanos. Se existe uma brecha lógica, ela será pre-
enchida por heresia e heterodoxia." Virou para o ter-
ceiro: "Quando mais se dedica a Adonai, aos seus Mitz-
vá, a vida segundo seus mandamentos, mais se torna
inadmissível voltar atrás; você não quer aceitar que fez
tanto por nada."

"Tudo é justificável se Adonai te escolheu", com-
plementou o terceiro. O velho assentiu. O líder viu toda
essa cena e pareceu satisfeito.

"Amanhã ao crepúsculo os deixaremos entre o de-
serto para que continuem sua busca", se despediu e
desapareceu na escuridão.

Na caminhada da multidão permaneceram unidos
por cordões e pensamentos. Em silêncio no ritmo en-
toado pelo mantra ao bezerro.

Uma moça de vestido longo bege e com o rosto
semicoberto se aproximou dos três. "Não entendo co-
mo podem não acreditar nos ensinamentos do nosso
Senhor Jesus. Ele ensina tanto sobre o amor. Ele era um
cara tão legal."

"Jesus era um cara legal? Honestamente, não im-
porta", explicou calmamente o velho.

Incrédula com a facilidade da resposta, continuou:
"Ele falava sobre amar o próximo, fazer o bem."

"Honestamente, não importa." E o velho olhou ao
seu redor. A multidão. O sol da metade do dia escal-
dante. O brilho do bezerro se prorrogando aos cantos
daquele Novo Mundo. Os hippies com seus corpos re-
batendo o dourado. "Por Cristo, é muita dor para jun-
tar em meio às ruínas. Debaixo de bíblias, crucifixos. É
muita dor", e não se permitiu chorar.

Confusa, a moça tentou: "Jesus pregava o bem."

"Bom pra ele." O líder de longe observava aquela interação. "Não preciso dele para me ensinar o que minha mãe judia me falava desde pequeno", e a conversa morreu.

Após mais algumas horas de caminhada, o grupo parou em uma encruzilhada de asfalto. "Vocês ficam aqui, nossos caminhos se separam para nunca mais nos encontrarmos", discursou o líder. "Vocês seguirão por lá, e apontou para o Sul." O trio agradeceu com palavras calmas e ponderadas pela hospitalidade. Foram libertos de suas amarras. Ao se afastarem, ouviram um último grito, feminino, recente e familiar: "Sempre voltando para a terra prometida, nunca permanecendo. Esse é o destino do povo escolhido."

Assistiram impassíveis a multidão se afastar com os raios do sol para o Oeste.

Um Novo Mundo surgiu do fundo do quintal de alguém. Andamos por ele em círculos, tentando não fazer barulho nem chamar a atenção. Sabem que estamos lá, e tudo bem, desde que não causemos incômodo.

No meio desse pensamento, o mais novo se tornou para o Sul. À vista, apenas um muro na marginal, onde se lia: "viver é um tesão". <



Victor Finkler é escritor, pesquisador, escritor, roteirista e redator. Doutorando e Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (PPGCOM-UFPR), formado em Publicidade & Propaganda também pela UFPR. Autor da coletânea de contos *O inosso e o insólito entre os pinheiros* (2024) e roteirista de curtas-metragens.

A
vi.
Si
o,
ná
ria

Teca Sandrini

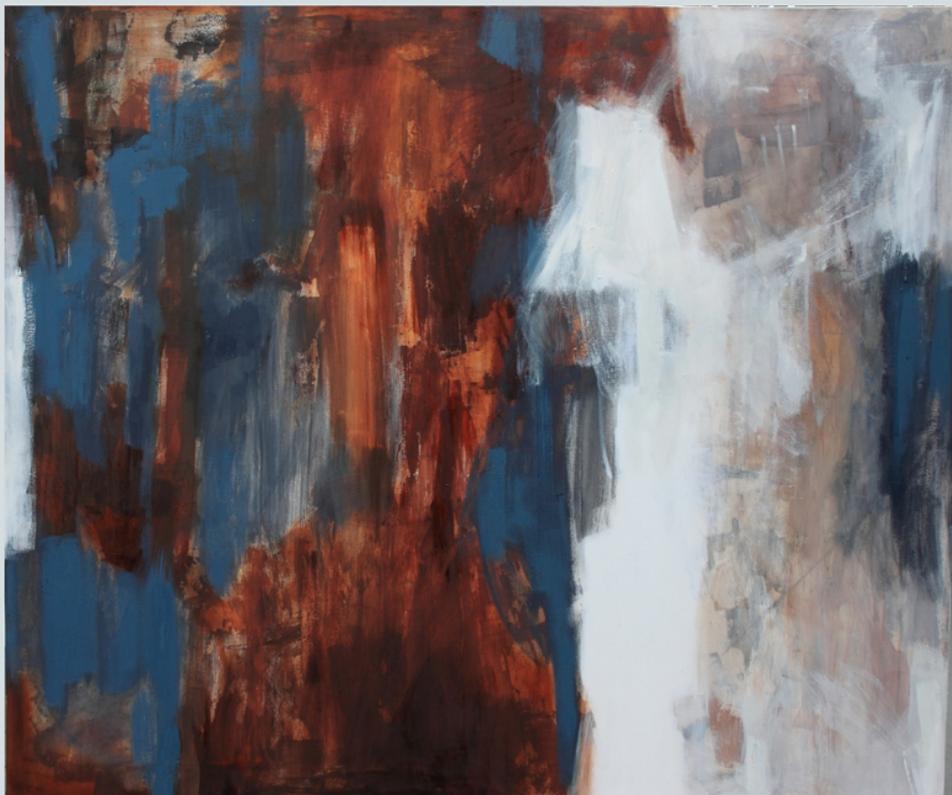
Estela Sandrini ou **Teca**, como é conhecida, possui extensa e premiada produção de desenhos, gravuras, pinturas e esculturas. Nasceu em Curitiba em 1944, formou-se pela Escola de Belas Artes e Música do Paraná (EMBAP) em 1967, onde se tornou professora. Lecionou também na PUC-PR, no Centro de Criatividade de Curitiba e na Penitenciária Feminina do Paraná.

Possui especialização em Antropologia Filosófica pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Trabalhou no ateliê do Professor Juan Carlo Labourdette, em Buenos Aires, e no Maryland Institute of Art, nos Estados Unidos.

Expôs em cidades como Porto Alegre, Belo Horizonte, Florianópolis, Cleveland, Washington, Madrid, Lyon, entre outras. Trabalhou em alguns espaços artísticos e culturais. Entre 2011 e 2017, foi diretora do Museu Oscar Niemeyer em Curitiba, onde teve uma atuação marcante ao adaptar recursos de acessibilidade na estrutura do museu, sobretudo às pessoas com deficiência. Por ser uma pessoa com baixa visão, ela soube conduzir o projeto que abriu portas para que mais gente pudesse conhecer o espaço.

Mesmo sem visão, Teca pinta. E escreve. Acaba de lançar um livro chamado *Fogo no Bordel*, onde narra suas memórias, transcritas pelo historiador Ricardo Freire.

Quando Teca é perguntada sobre os próximos projetos é hora de sentar e escutar. Haverá uma lista de propostas que ela quer fazer, faladas como um "sonho", mas pode ter certeza que ela fará acontecer. <



▶ O tempo sem memória. 2020. Óleo sobre tela. 170 x 200 cm





➤ **Memória de infância. 2017. Óleo sobre tela. 130 x 184 cm**



➤ **Estranho olhar. 2020. Óleo sobre tela. 80 x 130 cm**







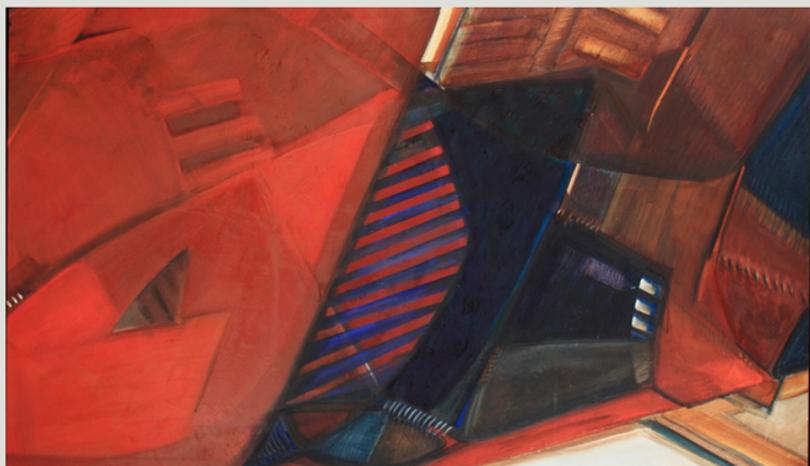
➤ **Preenche o canto da alma.**
2001. Óleo sobre tela.
190 x 70 cm



➤ **Ausência.** 2020. Óleo sobre tela.
100 x 100 cm

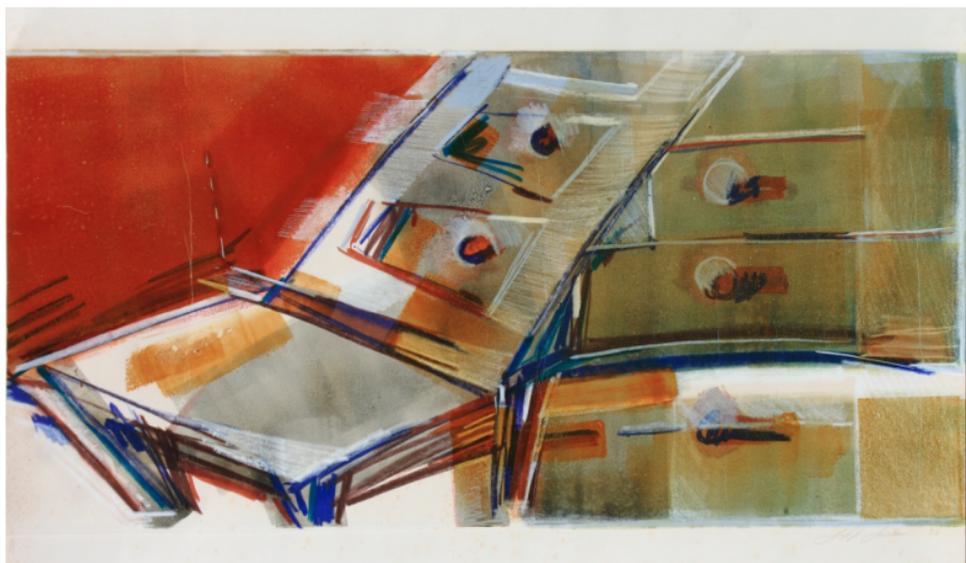
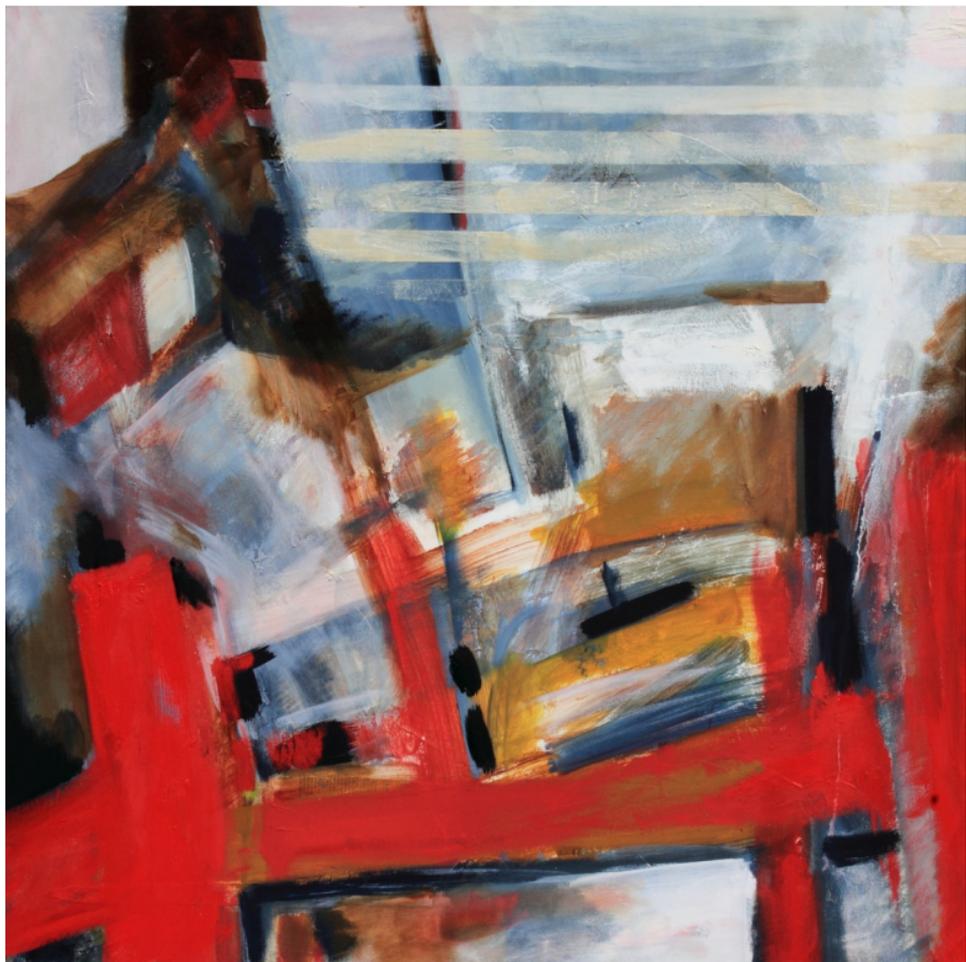


➤ **Sem título.** 1996. Monoprinte.
60 x 80 cm



67 ➤ **Mulher obscura.** 1992. Óleo sobre tela. 100 x 170 cm











➤ O sensível devaneio da racionalidade. 1998.
Óleo sobre tela. 160 x 630 x 80 x 630 cm



➤ O que se foi. 1998. Óleo sobre tela. 110 x 130 cm



➤ Passagem 1. 2004. Óleo sobre tela. 110 x 130 cm



➤ Pintura como pintura. 2020. Óleo sobre tela. 90 x 130 cm



➤ Céus efêmeros. 2017. Óleo sobre tela. 80 x 130 cm





Letícia Negrello

Ao eterno, ao efêmero

Com fotografias tiradas no Cemitério Municipal São Francisco de Paula, o mais antigo de Curitiba, a série fotográfica busca retratar as diferentes nuances em torno do sentimento da morte.

Ao observar as tradições e rituais que buscam manter viva a memória de quem já se foi, encontra-se um contraste de simbolismos: as flores, sensíveis formas de vida que não foram feitas para durar; e as lápides de pedra, monumentos de celebração ao eterno.

Leticia Negrello tem 22 anos e nasceu em Curitiba, Paraná. É estudante de Jornalismo na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e fotógrafa. Por trás das lentes, encontrou uma maneira de registrar cenários e explorar diferentes perspectivas. <

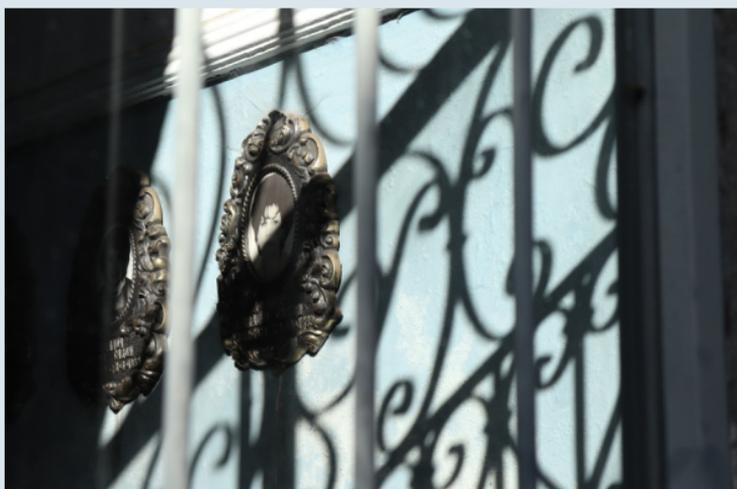






FAMILIA
JOSÉ HAUGER







EXPEDIENTE

Governador do Estado do Paraná

Carlos Massa Ratinho Junior

Secretária da Cultura do Estado do Paraná

Luciana Casagrande Pereira Ferreira

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná

Luiz Felipe Leprevost

Editora

Marianna Camargo

Redação, pesquisa e revisão

Bianca Weiss

Leticia Lopes de Souza

Maria Beatriz Peres

Colaboradores desta edição

André Luis Caetano

Flavio Jacobsen

Juliano Holanda

Jr. Belle

Leticia Negrello

Estela (Teca) Sandrini

Victor Finkler Lachowski

Ilustração de capa

Pedro Furlan

Design Gráfico

Rita Solieri

Diagramação

Turi De Sá



Cândido

imprensa@bpp.pr.gov.br

candido.bpp.pr.com.br

[instagram.com/candidobpp](https://www.instagram.com/candidobpp)



BIBLIOTECA
PÚBLICA
DO PARANÁ



PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CULTURA

